

MENSAGENS TROCADAS PELA INTERNET: UMA NOVA MODALIDADE DE ESCRITA OU MERA TRANSCRIÇÃO DA FALA?

Dileta DELMANTO
Mestranda em Língua Portuguesa – PUC-SP

RESUMO

O presente artigo, recorrendo a um corpus formado por fragmentos de correspondência trocada por meio de e-mails e programas de comunicação como o ICQ, tem como objetivo refletir sobre a especificidade da “escrita na internet”, procurando definir com maior clareza a modalidade (oral ou escrita) a que pertence. Fundamenta-se na análise da oralidade realizada por diferentes autores que têm se debruçado sobre a caracterização da fala e da escrita, principalmente Luiz Antônio Marcuschi, que as considera não de uma maneira estanque, dicotômica, mas dentro de um quadro mais amplo, no contexto dos gêneros textuais e das práticas comunicativas.

Palavras-chave: Internet. Oralidade. Escrita.

ABSTRACT

Using a corpus made of mailing fragments exchanged through emails and communication programs, such as ICQ, this article aims at reflecting on “writing on the internet”, searching to better define the modality (oral or written) to which it belongs. It is based on the analysis of orality made by different writers who have been studying speech and writing,

mainly Luiz Antônio Marcuschi, who considers them not as hermetic, dichotomous, but within as larger framework in the context of textual genres and communicative practices.

Key-words: *Internet. Orality. Writing.*

Em alguns gêneros utilizados na Internet (chat, mensagem instantânea), é comum e até melhor a utilização da forma oral da língua para representação textual. Acho isso a graça da Internet. É bom escrever “num sei”, “c ta í?”, “to mó cansaaaaado, to cansadaum”. É delicioso: a gente “ouve” lá dentro da cabeça o texto. “Coisa di loco!”

Marcelo, <http://diarioleitura.blogspot.com>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Num momento em que se apregoa que “nunca se escreveu tanto como na era da internet”, é importante discutir a qualidade e a especificidade dos textos que circulam na rede, entre pessoas e empresas, procurando definir com mais clareza a modalidade (oral ou escrita) a que pertencem.

Muito se tem falado – e escrito – a respeito da novidade dessa nova “forma de escrita”, que caracterizaria um uso híbrido da linguagem ou mesmo um “terceiro código”, resultante da ação de indivíduos que “aplicam a mente e um determinado tipo de atividade (escrever), ativando a concepção de um outro tipo de atividade (falar)”, como afirma Maria Helena Moura Neves (apud RIZZO, 2001).

Porém, segundo nos parece, a adequada compreensão da verdadeira natureza da comunicação pela internet só se dará se levarmos em conta análises, como a de MARCUSCHI (2001), que nega a dicotomia estrita entre fala e escrita, afirmando que não há qualquer diferença lingüística notável que perpassa o contínuo de toda produção oral ou escrita e que as relações entre essas duas modalidades podem ser bem mais compreendidas quando observadas no contínuo dos gêneros textuais, já que há textos que se aproximam mais da oralidade ou da escrita, segundo a natureza da relação entre indivíduos.

Partindo desse pressuposto, buscaremos mostrar que os textos eletrônicos apresentam características associadas a ambas as modalidades, dependendo da situação comunicativa em que se encontram o locutor e o interlocutor. Para isso, além de uma breve retomada de aspectos apontados pelos estudos lingüísticos

Mensagens trocadas pela internet: uma nova modalidade de escrita...

voltados à compreensão das características da fala e da escrita, recorreremos a um corpus formado por fragmentos de e-mails¹ pessoais e profissionais e de conversas realizadas por meio de um canal eletrônico, nos chats,² e de programas de comunicação como o ICQ.³

1. CONVERSAS NOS SALAS DE BATE-PAPO E POR MEIO DO ICQ: MODALIDADE ORAL REGISTRADA POR ESCRITO?

Alguns autores⁴, embora considerando que “não se pode separar fala de escrita de forma estanque, pois os discursos se situam, em geral, entre as posições ideais” de uma dessas modalidades (BARROS, 2002, p.51), apresentam uma caracterização ideal da fala que nos permite analisar o caráter de oralidade que reveste esse tipo de conversação eletrônica, nas salas de bate-papo, onde indivíduos escrevem, mas não o fazem conceitualmente porque, na sua intenção, estão “falando” com um parceiro, como afirma NEVES (Ibid.):

Quem escreve tem a consciência de que usa a modalidade escrita da língua: produz em solidão (na ausência do parceiro), não espera colaboração (não há co-autoria do texto), não pressupõe concomitância entre sua emissão e a recepção, não conta com a fugacidade e falta de compromisso da palavra oral, nem com os recursos vocais, gestuais e posturais da interação oral nem tampouco com o monitoramento das reações em presença do parceiro... Concretamente, está escrevendo.

Já na conversação on-line, que ocorre nos chats ou por meio do ICQ, ativa-se o mecanismo de interação oral que resulta “num texto fragmentado, não-editado e não-acabado, sequenciado em tempo real, com as características básicas da língua falada”⁵

Essa afirmação ficará mais clara se considerarmos⁶ que, tanto na fala como nas conversas on-line a que nos referimos:

- a. em relação ao tempo, não há planejamento antecipado, a conversa ocorre em turnos, em jatos, aos borbotões;
- b. os sujeitos constroem o texto cooperativamente, alterando os papéis de falante (produtor) e de ouvinte (interlocutor);
- c. a rápida intervenção por turnos pré-supõe co-autoria na própria constituição do texto que, segundo Rath (apud HILGERT, 2001^a), “caracteriza-se pelo fato de ser essencialmente processo e não produto.(...) Como processo, o planejamento do que dizer e a formulação

desse dizer não são etapas que se sucedem, mas são simultâneas”: há a presença (embora não num mesmo espaço físico) do parceiro que colabora, que dá respostas que permitem redimensionar o rumo da conversação quando são emitidos, por exemplo, sinais de desconfiança, desagrado, incompreensão...⁷

- d. o fluxo da formulação textual não acontece de forma fluente continuada. As discontinuidades ou disfluências são da natureza mesma do processo “on line” do texto falado.

Além disso, nessas conversas, por meio de recursos extra-verbais, pode-se caracterizar os chamados elementos supra-segmentais (pausas(1), tom de voz), além de hesitações, silêncios, (2)correções, tonalizações e até representações expressivas antes só presentes na fala. Referimo-nos ao uso de *emoticons*,(3) seqüências de pontos e alongamentos vocálicos,(4) letras maiúsculas convencionadas como representação de aumento do tom de voz,(5) seqüências paralinguísticas (eh... ah... uhn...) (6),formas ritualizadas distituídas de qualquer função sintática bem características da linguagem falada (7) para fazer correções⁸ (quer dizer, não...) e expressões de situação que reproduzem diferentes intenções do falante (“como dizer”, “sei lá”, “você sabe”, “pô” ...) (8).

Algumas dessas ocorrências podem ser observadas nestes fragmentos, retirados de conversas realizadas por meio do ICQ, entre jovens de 16 a 18 anos:⁹

T1

Mulambo 01/05/00 20:58 L (3) nao precisa me humilhar PO (8), fabio avallone acho eh (6) q vc tem q comprar o livro do tele O + RAPIDO POSSIVEL, (5) talvez ainda hoje...

FM 01/05/00 20:59 vc falou do nando...(1)ele tem icq também, ou não?

Mulambo 01/05/00 20:59 eh claro q o nando nao tem icq,

FM 01/05/00 20:59 hoje não vai dar pra comprar, mas essa semana com certeza, eu compro essa relíiiiiiquea!! (4)

Mulambo 01/05/00 21:00 calssico, mas custa 34 reais

FM 01/05/00 21:00 detalhe: esse wadinho é pentelho mesmo, hein!!!
hahahaha..(8)...

FM 01/05/00 21:00 onde vc comprou?

Mulambo 01/05/00 21:00 no eldorado, sciciliano...¹⁰

Mensagens trocadas pela internet: uma nova modalidade de escrita...

T2

mas foi tipo pro campeonato e fico num alojamento
e pa?

nao, fiquei num Ap. na faixa, de um doido lá q eu
so conheci no penultimo dia....
mas fui pra ficar 6 dias e acabei ficando
20...

q irado(8) e como vc banco os 20 dias?
eu tinha grana q eu tinha vendido umas coisas
antes das ferias....(1) gastei pra caralho...
foram 600 reais sem a passagem!!

(8)puta q pariu!!! vc foi d BUSAO??!!!(5)

nao, de

|
/ | \
-|
(isso eh um aviao)

mas isso q eu chamo d uma viagem cara ... foi quase 1 barao q vc gasto
entao?

sei la (8)... mas a passagem os mano da loja me

bancaram....

q loja?

meu patrocinador

aaah ai sim,(8) esse seu patrocinado podia me arranja

um trampo hein?(6)

putz,(8) se liga.....¹¹

Embora, como vimos, os textos eletrônicos, principalmente os veiculados por meio do ICQ ou nas salas de bate-papo, apresentem características tipicamente associadas à modalidade oral, não podemos perder de vista sua especificidade enquanto modalidade híbrida: não devemos nos esquecer das restrições decorrentes do suporte textual, o que lhe confere características próprias. Se é certo que não há a defasagem, característica da escrita, entre tempo de produção e recepção, tampouco ocorre concordância absoluta da fala, já que é preciso esperar que o enunciado surja na tela.

Não podemos nos esquecer também da ausência dos contatos auditivo e visual, que são apenas parcialmente supridos pelos recursos anteriormente expostos, que não permitem a completa visualização da expressão do interlocutor nem a percepção de todas as potenciais nuances oferecidas pelo contato auditivo direto. A definição plena de fala prevê a presença, num mesmo espaço, dos sujeitos envolvidos na conversação que, por isso, podem empregar mais facilmente os dêiticos e os recursos de outra ordem de expressão (visual, gestual, tátil). Os recursos que acompanham a fala, cumprindo diversas funções como interromper a comunicação, concordar, discordar, manifestar surpresa, dúvida, na internet, são substituídos por recursos **próximos**, que mantêm uma presença relativa, parcial, do caráter sincrético da fala, em que se juntam dois tipos de expressão, verbal e visual (cf. BARROS, 2001b).

2. UM NOVO CÓDIGO LINGÜÍSTICO?

MATOSO CÂMARA JÚNIOR (1972), falando da possibilidade de se ter um Português do Brasil, identifica a impossibilidade de se cunhar uma língua escrita nova, inteiramente assente na língua oral no fato de esta ser por demais diversificada e vária em sua rede dialetal e na falta de um certo catalizador que permitisse a elaboração de uma língua standard donde pudesse surgir a elaboração de uma língua escrita. A conversação na internet, por ser um produto que se baseia na fala, mas busca uma **padronização**, necessária para que seus usuários se entendam nas mais diversas regiões geográficas e nos mais heterogêneos estratos sociais, oferecerá as condições para a criação de um novo código lingüístico?

Observemos alguns trechos de e-mails trocados entre jovens de 16, 17 anos:

T3

terca te mando as fotos. blz velho. aqui tudo certo bem loko agora to na casa do meu amigo Rafael. mais vamo no boliche com umas mericanas. e as festas miaram de novo mol merda. mais vamo ver u que faço semana que vem vou viaja com minha família para montanhas de resto tudo blz hoje eh soh isso. abraço.

T4

E AIH, JU, TD BEM?

Mensagens trocadas pela internet: uma nova modalidade de escrita...

Então, tirou o gesso??? espero q sim... mas, se naum tirou naum se preocupa pq vc fica um chaaarme enfaixado!!!

Ah, agora soh entre nos dois pode falar q vc ficou morrendo de inveja soh pq eu vi o Elvis e vc naum!! Ta bom, qualquer dia eu apresento vc p/ ele... Vc ta vendo q eu to meio sem assunto ne?!

Eu estou aki no escritório do meu pai, esperando ele é a minha mãe p/ nós irmos jantar... q delicia...TO MORTA DE FOME!!!

Bjos da Fernandinhae ate amanha.J

Os fragmentos acima confirmam a posição daqueles que, como Hudinilson Urbano, afirmam que as mensagens trocadas na internet, além de caracterizarem um uso híbrido da linguagem, configuram um “terceiro código”, já que mesmo o uso dos sinais gráficos não segue completamente as normas da escrita:

- usam-se seqüências de pontos para indicar pausa ou silêncio;
- há um abuso de abreviaturas não normatizadas (vc, td, q, blz...) e de pontos de interrogação e de exclamação, além da ocorrência de frases truncadas, manifestações exclusivas da fala – como cumprimentos informais (E aí? Blz?);
- simplificação da conjugação verbal (vamo; T2: fico, banco)
- alongamento de vocábulos e intensidade seqüencial(chaaaaaarme);
- padronização de um ortografia fonética (aki, loko, u...), cujos critérios, bem distantes do convencional, obedecem apenas à necessidade de simplificação e facilidade de transcrição e de utilização do teclado (naum, soh,eh..).
- É marcante também a utilização de recursos extra-verbais (*emoticons*, letras maiúsculas, para indicar tom de voz (MORTA DE FOME!!!!), recursos para indicar tonalização (chaaaaarme)..e até representações gráficas (que se pense no desenho do avião)...

As ocorrências mencionadas nos permitem entender melhor por que o professor Urbano considera válida a conjectura de que estaríamos diante da configuração de uma nova forma de escrita: “A hipótese assemelha-se ao que já acontece nas redações de muitos estudantes, que transportam para suas redações, que deveriam ser vazadas em linguagem escrita culta, sua língua falada no dia-a-dia.”(apud RIZZO, 2001)

3. E-MAILS PESSOAIS E PROFISSIONAIS: UMA QUESTÃO DE USO E DE FUNÇÕES COMUNICATIVAS

Sabemos que as pessoas não utilizam todas as línguas da mesma maneira: dependendo do meio sócio-econômico ou cultural ou da própria situação de comunicação, temos formas diferentes de uso de uma mesma língua. Não escrevemos da mesma forma uma carta a um amigo ou ao gerente de uma firma solicitando emprego, não utilizamos a escrita da mesma forma nas diferentes situações comunicativas em que temos diferentes objetivos a serem alcançados.

DINO PRETI (1984) cita experiências realizadas com estudantes universitários que mostram que cada falante sabe o exato momento de escolher um registro mais formal, de expressar-se em padrões mais convencionais da comunicação, tidos como mais corretos porque têm maior prestígio e porque se aproximam dos níveis teóricos das pessoas cultas.

Essa constatação também se evidencia quando comparamos e-mails redigidos por jovens que trocam mensagens com amigos e conhecidos de sua idade e grupo social e mensagens desses mesmos jovens em situações mais formais; entre pessoas que se comunicam com amigos e familiares ou com clientes ou superiores em seu trabalho.

Os e-mails reproduzidos abaixo são de um mesmo bancário: no primeiro, ele comunica-se com uma irmã; no segundo, envia uma resposta de um convite feito pelo seu chefe. A escolha de um grau maior de formalidade ou informalidade ilustra o que diz MARCUSCHI (2001a) quando afirma que “se desfaz o mito que diz que a fala é lócus da informatividade e a escrita o da realização formal da língua. O certo é que formal/informal, tenso/distenso; controlado/livre, elaborado/solto... são usos e não atributos da língua.”

T5

Ângela: a Fatinha é prima de mamãe. A gente se encontrou por acaso aqui no Banco. Ela estava comentando que era de Botucatu, aih eu entrei na conversa e falei da vovó. Foi então que ela disse que a vovó eh TIA dela.

*Aih a reunião terminou e passamos a tratar de coisas mais interessantes, ou seja, sobre nossas raízes. Então ela me mandou esta foto: veja que gracinha a carinha da vovó !!! Aproveite para enviar a foto pras tias, se tiver o e-mail delas. Estou imprimindo e mandando pra mamãe. Não vale chorar de emoção como aconteceu comigo!
Cássio*

T6

Sr. Armando:

Para continuar oferecendo o melhor aos conveniados, é importante modernizar e renovar sempre.

Parabéns pela nova Cassi-Mato Grosso. Agradeço o convite para a cerimônia de inauguração, mas tenho viagem marcada para outro Estado na mesma data.

Sucesso a toda equipe nessa nova fase.

Atenciosamente,

Cássio Marx,

Diretor

Os textos 5 e 6 demonstram que, conforme afirma MARCUSCHI (2001a: 42), é o contínuo dos gêneros textuais, e não a relação dicotômica entre pólos opostos, que

“distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, relações lexicais, estilo, grau de formalidade, etc. que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos superpostos.”

Assim, a conversação nos *chats* ou por meio do ICQ, por permitir uma forma de comunicação síncrona, pode, dependendo de quem se comunica com quem e com quais objetivos, apresentar características peculiares e tendenciais da oralidade (fragmentação sintática, repetições, hesitações, redundância informacional, marcadores frequentes, correções, co-autoria, etc.). Já o e-mail depende mais diretamente ainda do gênero e da situação de comunicação, que determinarão não apenas aproximação maior ou menor da modalidade oral como o grau de formalidade do registro.

Tanto o e-mail pessoal como a conversação nos *chats* podem ser considerados, de acordo com a classificação de outros gêneros proposta por MARCUSCHI (ibidem), gêneros de domínio misto: possuem meio de produção gráfico e concepção discursiva oral; já o e-mail profissional, por aproximar-se da carta, poderia ser considerado pertencente ao domínio tipicamente escrito.

Assim, se quisermos enquadrar esses gêneros num quadro como o proposto por Marcuschi (2001a), no qual se apresenta a distribuição de alguns gêneros textuais, de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva, teríamos:

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Bate-papo na internet (chat)		X	X		Misto*
E-mail pessoal		X	X		Misto
E-mail profissional		X		X	Tipicamente escrito

(*) domínio misto: produção e meio de modalidades diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltemos à questão inicialmente proposta: podemos dizer que *a escrita na internet* é uma mera transcrição da fala ou que configura um terceiro código, caracterizado pelo uso de grafia com convenções próprias, com muitas abreviaturas, sem acento, sintaxe telegráfica, contribuições curtas, presença de enunciados truncados e incompletos?

Pelo exposto, cremos ter enfatizado que essas são características de alguns gêneros que circulam na internet, que, dependendo das intenções do produtor, das condições de produção, da imagem que o locutor faz de si e de seu interlocutor, podem apresentá-las (ou não), numa tentativa de conseguir maior dinamismo e maior informalidade na interação. Podem, por exemplo, estar muito presente num *e-mail* pessoal ou num *blog* de um adolescente, mas dificilmente serão encontradas num *e-mail* profissional. Já num *blog* educacional, serão raras na escrita do professor que o concebeu e freqüentes nas dos alunos que com ele interagem.

É possível, pois, concluir que a escrita na internet só pode ser adequadamente analisada se considerarmos a linguagem em seu funcionamento, avaliando as relações entre atividade de “falar”, ler e escrever como práticas discursivas; se compreendermos, como MARCUSCHI (2001b), que o aspecto central dos gêneros emergentes que circulam na mídia virtual é “a nova relação que instauram com os usos da linguagem”. Esses gêneros criam formas comunicativas próprias, que desafiam não apenas as relações entre oralidade e escrita, mas também, e principalmente, o usuário a contextualizar sua interação, ajustando seu produto textual ao contexto da situação comunicativa.

NOTAS

⁽¹⁾ Textos mais ou menos extensivos enviados ao endereço eletrônico do destinatário. Ficam arquivados em um servidor para posterior leitura, quando o destinatário acessar o seu provedor.

Mensagens trocadas pela internet: uma nova modalidade de escrita...

- (2) O termo chat, de forma geral, é usado para referir-se ao instrumento do sistema da rede que permite uma forma de comunicação síncrona entre os participantes. (cf. Lília Santos de Abreu. O chat educacional: o professor diante desse gênero emergente, in *Gêneros textuais e ensino*, ed. cit.)
- (3) Nos bate-papos realizados por meio do IRC, a contribuição de cada usuário é digitada e pode ser alterada e reformulada antes de ser enviada. Os realizados por meio do ICQ aproximam-se mais da fala, pois permitem também que o destinatário vá recebendo o texto à medida que ele vai sendo digitado pelo destinatário.
- (4) Cf. Diana Luz Pessoa de Barros, José Gaston Hilgert e Maria Helena Moura Neves, nas obras citadas na bibliografia.
- (5) *ibidem*, grifo meu
- (6) Para esta caracterização, retomo aspectos apontados por BARROS (2001a), HILGERT (2001a e 2001b) e Silva (2001).
- (7) Cf. SILVA (2001): “Durante o processo de conversação, o ouvinte não exerce a função de simples espectador, mudo, imóvel. Ele participa da constituição do diálogo, orientando o falante. O ouvinte pode até interferir durante a própria intervenção do falante com objetos específicos: mostrar que está ouvindo, sancionar o outro, demonstrar participação...”
- (8) Atividades de reformulação (correção, repetição, paráfrase), embora possíveis, não são muito frequentes nas conversações pela internet.
- (9) O bate-papo ocorre em salas privadas, em que os interlocutores já se conhecem, como podemos observar pela perfeita identificação de nomes e situações mencionadas.
- (10) Observar o sistema de alternância de turnos e a prática de só um deles fazer uso da palavra de cada vez, sem sobreposições, consequência, como aponta HILGERT (2001b), do meio eletrônico em uso, em que o “falante” só dará a conhecer ao “ouvinte” o seu enunciado quando concluída a formulação do turno. Notar também o uso da seqüência de pontos em substituição das vírgulas e pontos, a quebra da seqüência lógica, a irrupção de trechos que seguem o fluxo do pensamento, sem nenhuma preocupação com a organização da exposição. Muda-se o rumo da conversa, retoma-se o fio da meada perdido, como numa conversação oral bem informal.
- (11) Observar a presença de outras ocorrências que demonstram preocupação com a interatividade (presença de sinais do falante e do ouvinte), despreocupação com as flexões verbais e nominais, utilização de formas abreviadas, substituição da pontuação por seqüência de pontos, além da forte incidência de palavras e expressões típicas da oralidade (inclusive gírias e palavrões).

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Enunciação e língua falada. In: *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001b.

BARROS, Kasue S.M. de. Características organizacionais de aulas pela internet. In: *Dino Preti e seus temas*, ed. Citada, 2001.

CÂMARA JR., J.M. (1972) Línguas européias no ultramar. In: Uchoa, HILGERT, C.E.F. *Dispersos de J.M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: FGV*.

GASTON. A qualificação discursiva do texto falado. In: *Dino Preti e seus temas*, ed. Citada, 2001a.

_____. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala à escrita: atividades de e textualização*. São Paulo, Cortez, 2001a.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2001b.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO.A.P.& BEZERRA.M.A (orgs.). “*O livro didático de português*”: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionamento. In: DIONÍSIO.A.P.& BEZERRA.M.A (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002b.

MOURA NEVES, Maria Helena. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. In: *Dino Preti e seus temas*, ed. cit., 2001.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

_____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1977.

RIZZO, Sérgio. Mal traçadas linhas. In *Educação*, nº 240: 40-51, abril, 2001. (internet: www.uol.com.br/aprendiz/revista_educacao)

SILVA, Luiz Antonio da. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: *Dino Preti e seus temas*, ed. cit., 2001.